

Ricardo Reis, com sua simpatia habitual me pediu para escrever o editorial deste número da Revista InVisibilidades. Não li os artigos, porque ele não conseguiu envia-los, portanto o editorial vai ser ainda mais iconoclasta do que os textos que ando escrevendo.

A existência de uma revista sobre Ensino da Arte que tenha alcance ibero-americano é um fato a comemorarmos. Passamos no Brasil o século XX todo tentando nos aproximar dos outros países Latino Americanos e sonhando com a Europa, especialmente Portugal e Espanha mais acessíveis do ponto de vista lingüístico. Foi impossível vencer a dificuldade de cortarmos o cordão umbilical com a Europa e hoje acredito que não seja desejável, sendo a atitude correta o redirecionamento para um equilíbrio intercultural de forças. Tentamos antropofagiar<sup>1</sup> a Europa e em muitos casos só conseguimos copia-la e macaqueá-la. Resta-nos hoje termos consciência das relações históricas que estabelecemos de submissão, diálogo, ruptura e privilegiar as inter-relações culturais.

Acabo de vir da Espanha de um curso que dei em Girona e volto reenergizada pelo diálogo para mergulhar fundo em minhas pesquisas de história do Ensino da Arte. Acredito que a história é regeneradora, reveladora e válvula propulsora em direção ao futuro.

Aloísio Magalhães, designer culturalista que no Brasil rompeu com a hegemonia da Escola de Ulm que importamos, usava uma metáfora interessante para defender a necessidade de história. Dizia que **quanto mais puxarmos a borracha do estilingue para trás mais longe lançaremos a pedra para frente.**

Outro dia lendo uma entrevista de Alfredo Bosi, professor da USP de quem nos orgulhamos muito, na Revista É do SESC me deparei com afirmações sobre o ensino da Literatura com as quais concordo integralmente e que são aplicáveis também ao Ensino das Artes e das Culturas Visuais. Dizia ele: “Agora, de minha parte, eu continuo achando que, **na história o antes vem antes do depois**”.

Existe certa experiência cumulativa pelo tempo...

E, se você não conhece esse fluxo que vem do passado, fica parecendo que cada geração, digamos, inventou a roda. Você não sabe por que certos temas voltam, e voltam de maneira diferente. Você fica sem apoios de comparação quando seu estudo é todo assim fragmentado”<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Referência ao movimento Antropofágico deflagrado por Oswald de Ardrade nos anos 20.

<sup>2</sup>Alfredo Bosi. Entrevista na Revista É. SP:SESC,janeiro de 2010, número 7, ano16, pág 14.

Mirzoeff<sup>3</sup> a quem achava eurocentrico se redimiou numa entrevista a Inês Dussel dizendo:

*“Y el otro punto es que creo que hay que enseñarles historia a los estudiantes. Los jóvenes hoy tienen una relación con la historia distinta de la que nosotros teníamos, y tiene que ver, al menos en parte, con una comprensión diferente del lugar del futuro, aunque también se predica algo distinto sobre el pasado... Hay que argumentar por qué es importante historizar, porque ya no es más evidente por sí solo. La cultura actual suele decir que, si está en el pasado, ya no importa. Tenemos que argumentar mejor que el pasado no es sólo pasado sino que sigue activo en el presente. El tema con la historia es que “no pasó”, sino que sigue aquí.”*

Uma área de estudos sem História é facilmente dominada e manipulada.

As revistas e jornais são fontes ambíguas de informações históricas diferentemente dos livros que buscam argumentar com improváveis certezas.

A diversidade de posições políticas, críticas, ideológicas dos artigos de uma revista provoca choque de ideias, ambiguidades, incertezas. Por isso, estou pesquisando há quase seis anos em revistas e jornais brasileiros dos anos vinte aos anos quarenta a história do ensino da Arte em meu país para um livro que intitularei: De trás para Frente.

Aconteceu durante estas décadas a modernização do Ensino da Arte no Brasil pós-antropofágico. Tínhamos consciência de nossa condição de colonizados e nos propúnhamos a superá-la através da assimilação e transformação, isto é, aprender com a Europa e transformar o que aprendêssemos para privilegiar nossa própria cultura que sabíamos ser bem diferente da cultura de nossos colonizadores. A dominação cultural do colonizador os empodera, submetemo-nos à cultura do colonizador nos desempodera.

Foram diálogos como estes que tivemos em Girona, com os alunos de Joan Vallés e Roser Juanola. Extremamente críticos acerca da educação e da vida contemporânea os alunos

do mestrado em Educação Artística da Universidade de Girona são, por outro lado, inventivos e operativos em direção a uma relação democrática e não submissa, questionadora e não apenas sedutora, entre professores e alunos.

Como diz Humberto Maturana:

*“A democracia é um projeto de convivência que se configura momento a momento, porém para viver isso, tem-se que dar lugar à sinceridade. Não é um âmbito de luta. Não se ascende democraticamente ao poder. Não existe poder. E enquanto pensamos que tudo o que está em jogo é uma luta pelo poder somente o que vamos criar são dinâmicas tirânicas, vamos passar de uma pequena tirania a uma outra pequena tirania”<sup>4</sup>.*

Nas minhas pesquisas de jornal e revistas cheguei à conclusão que o período mais rico em discussões sobre cultura e educação no Brasil foi o que transcorreu entre os anos de 1927 a 1936. Na metade da década de 30 se instalou no Brasil uma ditadura ferozmente anticomunista e segundo alguns, pró-nazismo sob o comando de Getúlio Vargas. Perseguiu educadores e instalaram a censura em todos os meios de comunicação.

Foi no período de efervescência democrática (27 a 36) que os esforços para estabelecer relações com a América Latina se agudizaram. As novas escolas construídas no Rio de Janeiro, capital do Brasil na época, tinham nomes de países Latino Americanos e os presidentes dos países homenageados vinham ao Brasil inaugurar os edifícios, fazer discursos e dar entrevistas a jornais e revistas. A relação com o México foi potencializada pelas visitas de José Vasconcelos ao Brasil.

A escritora Cecília Meireles tinha uma página de Educação no Diário de Notícias onde frequentemente escreviam escritores latino americanos.

Passei muito tempo pesquisando quem era Gerardo Seguel que em 1930 escreveu na página comandada por Cecília Meireles.

Descobri que foi também, como a própria Cecília Meireles, um ativista da integração ibero-americana. Escolhi escrever

<sup>3</sup>DUSSEL, Inês. Entrevista con Nicholas Mirzoeff. La cultura visual contemporánea: política y pedagogía para este tiempo. Buenos Aires: : *Propuesta Educativa* 31, 2009 págs. 69 a 79.

<sup>4</sup>Texto enviado por e-mail por Hélio Rôla sem referências bibliográficas.

sobre ele para o editorial da Revista InVisibilidades porque ele circulou por onde hoje circulamos com esperanças semelhantes, desejos de integração e espírito internacionalista democrático.

Gerardo Seguel era Professor de Desenho na Escola Normal “José Abelardo Nuñez” do Chile, poeta e intelectual importante em seu país. Publicou o livro *Fisonomia del Mundo Infantil*. Trata-se de um estudo sobre o desenho infantil<sup>5</sup>. No Brasil nos anos 20 temos estudos semelhantes feitos por Nereu Sampaio<sup>6</sup>, Sylvio Rabello<sup>7</sup> e Edgar Sussekind de Mendonça. Segundo L.H.Errázuriz foi o primeiro livro dedicado de forma específica ao tema no Chile. Diz ainda este mesmo autor sobre o livro de Seguel:

*“Este pequeno livro, que foi publicado em Santiago no ano de 1929 pela Imprenta El Esfuerzo, contém, entre outros temas, referências específicas às etapas da arte infantil, suas vinculações com a arte primitiva, uma breve resenha sobre o valor educativo do cine e a reprodução de desenhos em preto e branco. Cabe destacar que na bibliografia desta obra se citam autores tais como Freud, Dewey e Ferrière. Neste sentido há que se ter presente que o interesse pela atividade artística criadora das crianças esteve fortemente influenciado pelas idéias pedagógicas da nova educação, a qual, pela sua concepção ativa de escola, privilegiou a espontaneidade e participação da criança nos processos educativos. Em consequência, as teorias de Rousseau, Ferrière, Dewey, para nomear apenas alguns, serão chaves para compreender a origem deste movimento.”*

*É curioso que a revolução educacional dos anos 20/30 ficou conhecida entre nós no Brasil por Escola Nova enquanto Seguel e muitos hispano americanos a chamavam de Nova Escola.*

Não estranho Seguel ter colaborado no Brasil com o Diário de Notícias na página de Educação dirigida por Cecília

<sup>5</sup>Luis Hernán Errázuriz. *Historia de um área marginal: la enseñanza artística em Chile, 1797-1993*. Santiago: Ediciones Universidad Católica de Chile, 1994, pág. 126

<sup>6</sup>Ver em Ana Mae Barbosa. *John Dewey e o ensino da Arte no Brasil*, SP: Cortez, 2001

<sup>7</sup>Ver Rejane Cou tinho em Ana Mae Barbosa (org) *Ensino da Arte: memória e história*. SP: Perspectiva, 2008

Meireles. Ambos tinham um perfil intelectual semelhante: os dois eram poetas, críticos de literatura, professores e apaixonados pela modernização da educação especialmente pelo cinema na escola. Além disto, não apenas defendiam a integração Latino Americana, mas também tinham ação e transito cultural entre a América Latina, Portugal e Espanha publicando em revistas e jornais ibero-americanos. Ainda mais, Seguel, como Cecília era um entusiasta da Reforma Fernando de Azevedo<sup>8</sup> no Distrito Federal (Rio de Janeiro) e escreveu um belo artigo elogiando-a na revista *Seara Nova de Portugal* em 1930 intitulado *Significado social da revolução brasileira*. Foi seu primeiro artigo naquela revista. Em 1931 escreveu mais três artigos na *Seara Nova*: *Simon Bolívar*, *La acción del magisterio en la América Latina* e *Um congresso pedagógico em Espanha*. Esta revista portuguesa era tão importante que apesar de ser republicana conseguiu sobreviver durante a ditadura. Seu primeiro editorial depois da revolução de abril foi escrito por Saramago. Mesmo assim, ironicamente, a democracia não tem aliviado os problemas que enfrenta para sobreviver hoje.

Neste período Seguel morava na Espanha. Visitou os mais importantes centros educacionais europeus da época. Uma visita sua consta do livro de visitantes do Instituto de Orientação Profissional, em Portugal, dirigido pelo pedagogo Faria de Vasconcelos, que também escreveu acerca do Desenho da criança, assunto recorrente entre os pioneiros da época e deu palestras sobre o assunto no Instituto Jean Jacques Rousseau em Genéve, de fama internacional. O IJJR era tão famoso naquela época quanto a Escola da Ponte de Portugal ou as escolas de Reggio Emilia o são hoje. Faria de Vasconcelos também trabalhou com grande sucesso na Bolívia tendo se casado com uma boliviana.

Comprovei que Seguel esteve no Brasil em 1930, pois consta no texto *Notas de viagem a Ouro Preto*, de Jules Supervielle, publicado na *Revista Sur* a seguinte frase: *Sábado 12 de julho de 1930 “Sin embargo mañana dejaré esta ciudad que conozco tan mal todavía [referia-se ao Rio de Janeiro]...”*.

<sup>8</sup>Fernando de Azevedo era sociólogo, foi um dos criadores da Universidade de São Paulo. Foi Diretor geral da Instrução Pública do Distrito Federal, o equivalente a Ministro da Educação entre os anos de 1926 a 1930.

“Rumbo a Ouro Preto con mi amigo Gerardo Seguel, amigo de Neruda y de Díaz Casanueva, notables poetas chilenos los tres.”<sup>9</sup>

Além disto Seguel entrevistou Claparede na chegada dele ao Rio, ainda no navio no dia 14/9/1930.

Quando Seguel voltou da Espanha havia se tornado comunista. Não sei ainda se ele participou na Guerra Civil Espanhola. Morreu cedo, em 1950<sup>10</sup>, aos 48 anos e deixou duas obras sobre poetas chilenos citadas até hoje e livros de poesia. Portanto a Educação Artística o esqueceu, mas a Literatura guarda sua memória e o comemora.

Encontrei dois artigos dele sem data no livro de recortes de Fernando de Azevedo no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP). Posteriormente encontrei no Diário de Notícias mais um artigo assinado por ele datado de 13 de julho de 1930. Creio que os três artigos também tenham sido publicados em 30 pois não encontrei nenhum outro datado de outros anos. Curiosamente encontrei também no IEB/USP uma carta de Cecília Meireles para Fernando de Azevedo de 20/7/31 que diz: “Junto com esta carta envio a pedido de meu amigo Prof. Gerardo Seguel um número da Revista Pedagógica de Madrid em que vem um artigo sobre sua reforma. Isto servirá para lhe demonstrar mais uma vez que não houve, apenas, mas continuará a haver um grupo de criaturas dispostas a defender essa obra que o Sr. quis oferecer ao Brasil”. Acrescentava ainda o endereço de Gerardo Seguel, Españaoleto, 12, Madrid numa delicada sugestão para Fernando Azevedo responder a ele. Contudo Seguel já era conhecido de Fernando de Azevedo pelo menos através dos artigos que encontrei nos riquíssimos livros de recortes que Fernando de Azevedo legou para a posteridade. Transcrevo a seguir pequenos textos de um dos artigos de Seguel:

### **“Os limites da escola do trabalho**

*A escola tem sido, sem dúvida uma das mais acentuadas*

<sup>9</sup>Jules Supervielle. Notas de viaje a Ouro Preto. Revista Sur, Verano 1931, Año 1, Buenos Aires, pág. 74/75.

<sup>10</sup>O diário chileno “La Hora em 7 de Julio de 1950”, con el título “Gerardo Seguel: Elegía y adiós” dedica um tributo a este escritor que foi vice presidente da Aliança de Intelectuais do Chile.

*preocupações humanas destes últimos tempos, talvez porque nela vemos refletir-se toda uma época. Apesar das hesitações naturais que sofre, hoje já podemos extrair a substância espiritual que a anima, buscar seu denominador comum. É por isso mesmo que já podemos evitar as confusões prejudiciais ou as subordinações interessadas.*

*Sem dúvida de muito longe vem a Nova Educação, elaborando-se a cada passo que dava, até encher sua medida ideal.*

*Por isso, em todas as formas da nova educação encontramos algo que nos fala das outras preocupações da vida atual. Do ponto de vista histórico, a zona onde começa a ser visível o espírito da educação ativa, é Pestalozzi, nele, apesar do caráter marcadamente finalista da “Casa de Educação para os Pobres”, se salva pela abundância fervorosa da alma desse educador; continua-se com Froebel o mesmo sentido educativo. Depois deles ninguém manteve os verdadeiros tributos pedagógicos assim tão puros, até a época atual, quando uma imensa quantidade de preocupações afins lhe emprestam sua solidariedade. A atual educação, mais do que um corpo metodológico, significa um novo conceito da vida infantil e da vida total, sobretudo representa uma esperança da humanidade...*

*Esta atitude é francamente solidária com a **Escola Intuitiva** de Pestalozzi. Dessa aspiração e do ambiente de atividade nasce agora com Bovet o nome de **Escola Ativa**, com Claparede o de **Educação Fundamental**: na Itália com Lombardo Radice, denominando-se **Escola Serena**, e na Alemanha, com Kerchensteiner, **Escola do Trabalho**, e posteriormente, na Rússia, **Escola Produtiva**. No fundo inicial todos estes nomes obedecem ao mesmo princípio de constante atividade criadora que deve proporcionar a escola e é só em algumas particularidades que eles se diferenciam, particularidades que às vezes, não passam de simples nomes diversos mas que, em outras, obedecem a interesses estranhos à educação que penetraram o campo desta. Mas já é hora de assinalá-los para manter íntegro o prestígio da intenção essencial...*

*Ao novo sentido da atividade, associa-se o conceito já expresso por Locke: “Nada existe no intelecto que não tenha passado antes pelos sentidos. E Dewey, nos Estados Unidos*

dizia: “Não existe nenhum trabalho manual que não precise de um complexo exercício psíquico”. ....

Neste setor da escola do trabalho, encontramos agora os pedagogos russos Bolskij e Pistrak<sup>11</sup>. Eles respeitam o processo educativo no seu sentido de extensão ou seja em fases sucessivas: mas o saturam de preocupações industrialistas. Obedecem ao desejo de fazer predominar na sociedade o tipo de produtor manual. As ideias de Dewey, embora mais amplas, pertencem na sua intenção a este conceito, dominante também nos Estados Unidos.

Não pode ser estranha, a quem penetrar, sem partidatismo, interessado no estado psicológico da América do Norte e da Rússia, essa fraternização básica dos seus sistemas educativos, porque ambos os países obedece a um exercício de domínio materialista na vida humana. Trata-se de duas sociedades de diferentes orientações, mas dentro do mesmo plano psíquico. (Assim se explicam facilmente os elogios de Dewey, quase sem reservas, à escola soviética).

Sem ir mais longe, na Reforma do Distrito Federal, encontram-se ligeiros rasgos neste sentido que através de Dewey se deixaram ver. Igualmente na organização mexicana.

A nova educação não compreende o direito de fazer das crianças o que se quiser.

A educação – como diz Wineken – pertence ao domínio do espírito e não aos acidentes políticos.”

### **Diário de Notícias 10/07/1930**

Seguel termina um de seus artigos com a citação do pedagogo espanhol Domingo Barnés que foi Ministro da Educação do período republicano, impulsor de experiências educacionais admiráveis. Até hoje há na Espanha uma certa nostalgia pela perda da vitalidade educacional que dominava a segunda República (1931-1939). Estive em 2008 em um evento que finalizou um curso de atualização de professores em Madri e todos que falaram se referiam com entusiasmo ao modelo educacional da República. É, pois com a fala apreendida por Gerard Seguel de um herói educacional da

República espanhola que termino este meu editorial desejando que a Revista InVisibilidades intensifique os diálogos interculturais na Arte/Educação ibero-americana resignificando nossa relação para além do neo-colonialismo.

“A vida está tecida de sonhos e muitos deste sonhos foram sonhados na infância. A criança espreita para reviver no homem enfraquecido; no homem melancólico ou nostálgico; no homem cansado; quando sobrevém o medo e também quando florescem sentimentos novos”. **Domingo Barnés**

### **Bibliografia**

BARBOSA, Ana Mae .(2001) John Dewey e o ensino da Arte no Brasil. SP: Editora Cortez .

BOSI, A. (2010) Entrevista na Revista É. SP: SESC, janeiro de 2010, número 7, ano16, pág 14.

COUTINHO, Rejane (2008). Sylvio Rabello: o Educador e suas pesquisas sobre o Desenho Infantil. In BARBOSA, Ana Mae (org) Ensino da Arte: Memória e História. SP: Editora Perspectiva, 2008.

DUSSEL, I. (2009) Entrevista con Nicholas Mirzoeff. La cultura visual contemporánea: política y pedagogía para este tiempo. Buenos Aires: Propuesta Educativa 31, 2009 págs. 69 a 79.

ERRÁZURIZ, L. H. (1994) Historia de una área marginal: la enseñanza artística en Chile,1797-1993. Santiago: Ediciones Universidad Católica de Chile.

PISTRAK, M. (1981) Fundamentos da Escola do Trabalho. São Paulo: Brasiliense.

ROS, María Cardá e CAPELL, Heliodoro Carpintero. (1991) Domingo Barnés: biografía de um educador avanzado. Boletín de la Institución Libre de Enseñanza. Numero 12,1991 págs. 63 a 74.

SUPERVIELLE, J. (1931) Notas de viaje a Ouro Preto. Sur, Verano 1931, Año 1, Buenos Aires, págs. 74 a 75

<sup>11</sup>Trata-se de pedagogo russo cuja obra só foi traduzida no Brasil em 1981 graças aos problemas educacionais propostos ao país pelo movimento dos sem terra.